
O FILOSOFAR NA DIMENSÃO E NO MUNDO ÉTICO: Confluências com a Educação

Cláudia Battestin^(*)
Edmir Bergamo^(**)
Janaine Souza Gazzola^(***)

A ética, com origem grega (*ethos*), indica um modo de ser, de caráter, de valores morais e principalmente de conduta humana. A ética é construída na base de valores históricos, sociais, culturais e econômicos, possibilitando um equilíbrio entre as sociedades, pois está relacionada com o sentimento de justiça, e não com o princípio legislador. No âmbito da Filosofia, a ética é considerada uma ciência que estuda além dos valores, os princípios morais de uma sociedade e seus grupos. Recorrendo a Vázquez (2002), um estudioso reconhecido na área, lá encontramos como definição para ética: teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Seu objeto de estudo são os atos humanos: atos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto.

Na compreensão de Caldeira, a Filosofia sempre foi “[...] uma forma de entender e de transformar a realidade, a partir da própria exigência vital, do próprio mundo e do próprio tempo” (1996, p. 72), Ou seja, os filósofos tiveram enquanto exigência vital, tentar resolver os problemas recorrentes de suas épocas históricas, sempre em conformidade com as demandas da realidade, o que levou Caldeira a interpretá-los como “protagonistas da aventura teórica”. Ao encontro desta ideia, Garcia Marzá analisa a filosofia como um importante meio para manter desperto “[...] um determinado sentido de humanidade” (1993, p. 09). É importante pensar a filosofia do ponto de vista pedagógico, pois quando a filosofia nasce na Grécia, nasce intimamente articulada com uma pedagogia, uma Paidéia, elevando a capacidade do conhecimento e do agir democraticamente na *pólis* grega.

^(*) Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Campus de Frederico Westphalen. Faz parte da Rede Iberoamericana de Pesquisas em Políticas e Processos de Educação Superior. *Email*: battestin@uri.edu.br

^(**) Doutor em Educação pela PUCPR. Professor Ajunto da UNIFACVEST e FICA. Pesquisador Associado do GEPPES UNOESC/Sul. *E-mail*: edmirbergamo@gmail.com.

^(***) Mestranda em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI – Campus de Frederico Westphalen. Licenciada em Pedagogia pela URI. Faz parte do Grupo de Pesquisa em Educação (GPE). *E-mail*: sgjanaine@hotmail.com.

Não é verdade que a filosofia se constitui num saber reservado, difícil, complicado e inacessível ao homem, apresentando-se como uma especulação separada da vida. Ela é a consciência despertada no coração do ser humano. É seu olhar novo sobre o mundo. A atividade filosófica não consiste em justificar e legitimar o já sabido, mas em elaborar constantemente uma crítica do pensamento sobre ele mesmo. No mínimo, para buscarmos saber como e até onde poderíamos pensar de outra forma.

A DIMENSÃO DO FILOSOFAR NO MUNDO DA ÉTICA

O filosofar na dimensão e no mundo ético, consiste na crítica permanente do *ethos*, isto é, na orientação de vida pautada na responsabilidade e na solidariedade do homem por si mesmo e pelo próximo. É fundamental pensarmos como a ética se constitui em uma área de reflexão filosófica. A ética, esta sim, tem uma relação restritamente humana, pois acompanha a historicidade e os fatos da relação do homem com o meio. Segundo Dias, as palavras de Emanuel Kant que condizem com a ética, ou o imperativo categórico, estruturam além do pensamento filosófico, a compreensão de que:

A lei prática derivada da razão é chamada de imperativo categórico, que versa sobre a ação segundo uma máxima que possa simultaneamente fazer-se a si mesma como lei universal. O ser racional capaz de agir por obrigação (dever) à lei prescrita pelo imperativo categórico, independentemente de suas inclinações, é dito livre. Ou seja, as ações realizadas livres de qualquer inclinação por dever à lei derivada da razão (imperativo categórico) são consideradas éticas e morais. As leis derivadas da razão (imperativo categórico) que originam ações, as quais, contudo, não exigem o incentivo do dever para serem realizadas são jurídicas e morais. As leis da liberdade ou morais são assim chamadas para distinguir-se das leis da natureza (2015, p. 2).

A ação que é considerada ética para Kant, é aquela que tem liberdade no seu agir, deriva da razão prática, e possa ser considerada como uma lei universal. Tudo que possa ser elevada a categoria de lei universal é uma atitude ética para Kant, e o oposto também é válido, tudo que for restrito a uma atitude particular não pode ser considerada ética, não é um imperativo categórico, e, portanto, deve ser banida da visão das pessoas. Porque, o ser racional, o homem, deve ser capaz de agir por obrigação (dever) à lei prescrita pelo imperativo categórico, independentemente de suas inclinações, só dessa maneira é um ser humano dito livre. Mesmo que possa parecer paradoxal, para Kant é esta ação pelo dever, e não por inclinações quaisquer que seja, é considerada ética.

O homem jamais pode agir por inclinações, ter vontades que derivam da sua inclinação, como as paixões, os desejos humanos. O homem tem que realizar suas ações seguindo prescrições

do dever, por mais que suas inclinações digam para que ele siga as ilusões das paixões, afirme mentiras, em vez de falar a verdade, uma vez que esta mentira o irá lhe beneficiar mais do que a verdade. É, preciso, por uma questão de dever, e de obrigação, sempre, em todas as circunstâncias, dizer a verdade acima de tudo. O homem tem a categoria do dever, que em si é ocupada pela obrigação, e como ser racional, só pode fazer atitudes que reafirme constantemente este dever, mesmo que vá contra os seus interesses pessoais momentâneos. No caso da educação, o homem tem o dever de sempre realizar uma educação que seja voltada para melhorar as condições econômicas, sociais e culturais da humanidade, universalmente, pois esta é a única condição para que este ato de ensinar seja ético.

É pensando no sentido de humanidade, que analisamos a importância de uma educação voltada a realidade vigente, aos impactos sociais, culturais, econômicos e éticos. A ética pressupõe a existência do agir e do *outro*, pois é a partir do agir responsável e consciente que ela se manifesta, formulando normas para a ação ou agir humanos. A ética é um conhecimento racional que se preocupa em definir o que é bom. Na interpretação de Rios (2001), é através do domínio da ética que poderemos problematizar o que é bom ou ruim para uma determinada sociedade, analisando os fundamentos e valores que apontam para o horizonte do bem comum, diferente de um bem determinado por interesses particulares e singulares.

Pensamos que a ideia de relação é oportuna quando nos referimos à ética, ela supõe comprometimento. Estarmos comprometidos é termos a exata dimensão do outro, pois se o compromisso é com algo ou alguém, supõe uma postura de saída de si mesmo, quebrando com a ideia do “indivíduo” fechado. É abertura, é responsabilidade, é partilha; é ter compaixão pelo outro, enquanto ser que diz respeito a mim e enquanto possibilidade de realização minha como ser coletivo e do outro como ser político, intersubjetivo. O ser social, intersubjetivo, é característica ontológica, fundamental do humano, nos define, nos determina. E a ética é este responsabilizar-nos por nós e pelo outro nesta relação vital de mútua necessidade de afirmação humana enquanto nos construímos como humanos. Etimologicamente, responsabilidade, significa o dever de responder ao outro, a necessidade de dar respostas a uma outra proposta. “Ser ético é poder assumir os interesses do outro até mesmo quando eles não coincidem com os nossos. São assumidos porque são percebidos como justos e retos” (BOFF, 2000, p. 79).

É coerente afirmar que a presença da discussão ética está cada vez mais acentuada no ensino da filosofia, tornando os questionamentos e os debates mais críticos, rigorosos e vigentes. Ao encontro desta ideia, Martini supõe que a ética “[...] é uma reflexão filosófica sobre os

comportamentos humanos e sobre o seu sentido último” (1993, p. 10). Hodiernamente, os discursos apontam para o entendimento e compreensão de que a ética está presente na vida das pessoas, o que é extremamente positivo. Outrora, progressivamente ela foi apropriada pelas políticas públicas, pelo senso comum, e por diversas áreas do conhecimento, perdendo aos poucos, o rigor crítico necessário para a reflexão. Sobre essa situação, Beauvoir (1967) afirma que devemos reconciliar a moral e a política, pois desta forma poderemos reconciliar o homem consigo mesmo, considerando a abrangência e a importância de sua totalidade. Nesse sentido, afirma Marcio Renan Hamel:

Nesse particular, a busca de critérios lógico-rationais comuns a todas as culturas e que sirvam de referencial universal para as legislações requer uma ética dialógica. A democracia deve ser encarada como uma comunidade real de comunicação, onde deve se realizar a situação ideal de fala, sendo que a sociedade e o sujeito não se constituem pela subjetividade ou objetividade, mas pela intersubjetividade, na qual a determinação moral dos sujeitos e a realização ética na prática dialógica se estabelecem com a produção da teoria jurídica pela interação argumentativa (2015, p. 10).

A ética tem que ser dialógica, primar pela democracia em uma comunidade real de comunicação entre as pessoas. A palavra importante neste contexto da constituição é a intersubjetividade, que supera a subjetividade e a objetividade dos sujeitos, nos embates éticos o que conta é a interação argumentativa entre os vários sujeitos. É uma constituição ética que respeita as várias formas de culturas na sociedade contemporânea atual.

Mesmo que estejamos diante de conflitos éticos, em todos os níveis sociais, econômicos, educacionais, etc... como está acontecendo com as intolerâncias do Estado Islâmico, no Brasil com a chegada dos Haitianos, etc..., é preciso saber respeitar as opiniões de outras culturas, de outras realidades, respeitando a vida e tudo que a cerca. É por essa via de compreensão que a ética passa a ser analisada na ótica de Chauí como o “[...] estudo dos valores morais, da relação entre vontade e paixão, vontade e razão, e principalmente pelas ideias que vão desde a liberdade até a obrigação” (1999b, p. 55). Todavia, enquanto condição de “sujeito ético” é preciso ultrapassar o estado racional consciente, levando em consideração que o fazer e o agir deveriam assumir a responsabilidade, a liberdade e principalmente autonomia, diante das escolhas, pois é destes que resultam os conflitos entre a vontade do agente ético e a heteronímia dos valores postos pela sociedade.

Precisamos ser éticos por muitas razões, mas há uma razão fundamental que é a condição em que o homem se encontra e a consequente liberdade que possuímos para agir decorrente disso. Como humanos temos muitas oportunidades de nos reinventar, mas em determinadas situações da vida corremos riscos que podem comprometer nossa existência e a sobrevivência da Terra.

Portanto, se faz necessário toda atenção e zelo na relação com o outro e com o mundo. Agir de modo a não pôr em risco nossa existência e a do outro, pode se tornar um imperativo ético fundamental. “O ser humano, politicamente, não quer ser beneficiário, mas participante” (BOFF, 2000, p. 81). Complementando com a ideia de Boff, Hamel afirma que:

Nesse sentido, o abandono dos conteúdos utópicos da sociedade do trabalho não causa o abandono da consciência histórica e da controvérsia política pela utopia. De certa forma, torna-se necessário o resgate das potencialidades das condições de entendimento, devendo-se caracterizar as condições gerais para uma prática comunicativa cotidiana, bem como para um procedimento de formação discursiva da vontade, o que pode habilitar os participantes a realizar possibilidades concretas de uma vida melhor, mediante iniciativas próprias. Como observa Galuppo (2002), desde Durkheim a grande questão que se coloca para a Sociologia e, especialmente, para uma Teoria da Sociedade, é saber como é possível que a sociedade exista sem se esfacelar em planos individuais egoisticamente formulados (2015, p. 8).

Mesmo que haja esta ética dialógica, não se descarta desta ética o contexto histórico. Porque, a grande questão que se colocar em qualquer teoria da sociedade, neste caso a ética, é saber como é possível que a sociedade exista sem ser destruída em função de interesses particulares, como já foi possível ver no decorrer da história humana. A ética deve ser enquanto filosofia um conjunto de mecanismos teóricos que leve a aproximações e a reflexões, para que no mundo atual, barbáries como as que ocorreram na Segunda Guerra Mundial, não voltem mais a acontecer.

Por meio desta explanação histórica da ética, é que poderemos repensar sobre a constituição da moralidade nas instituições de ensino, pois é por meio da ação ética, que garantiremos a realização da natureza racional, livre e responsável do sujeito. Freire por sua vez, enfatiza com rigorosidade sobre a importância de assumirmos toda causa com rigorosidade ética; no entanto, afirma o autor: “Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro [...] falo da Ética universal dos seres humanos, que condena o cinismo, que condena a exploração da força de trabalho do ser humano” (1996, pp. 16-17). E que condena qualquer pensamento ético fora de seu conjunto de reflexões históricas, o mundo ético tem dimensões históricas, mesmo o pensamento de Emanuel Kant tem que ser visto em um contexto histórico, para ser compreendida a fórmula do imperativo categórico.

Por esta via, compreendemos que a ética explicita uma tarefa crítica, ou seja, apresenta uma das principais inquietações para o campo da filosofia, onde o rigor para as práticas de aprendizagens deve ser permanente. Por outro lado, poderemos pensar: Educamos para quê e para quem? Educamos para a vida, para a transformação ou para a formação? Essas questões são

pertinentes para as discussões contemporâneas, pois nos remetem a pensar sobre a importância do ato de educar e aprender através do conhecimento e experiências, colocando em questão o poder do saber, o poder das autoridades constituídas e seus estatutos de verdade. Essas reflexões têm por imperativo colocar em movimento reflexivo as inquietações, os limites e as possibilidades da própria educação, onde a liberdade, a autoridade e a ética se cruzam, se enfrentam, na perspectiva de que algo novo e melhor possa vir ao encontro da humanidade.

A vida é relação, e relação supõe a compreensão do homem como um ser coletivo, uma extensão de um universo maior que só existe para nós por que assim o percebemos e com ele nos relacionamos. Na dimensão ética esta relação não deve dar-se, unicamente, em função de interesses econômicos, produtivos, espoliativo, mas como manifestação própria do humano, como constitutivamente fundado nas relações ou inter-relações que estabelece com o meio e com os outros. Para esta relação, precisamos ser habituados, educados. O homem não nasce ético, precisa construir-se como tal. Para Gadotti (2003), educar para conquistar um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la.

O grande princípio da educação é a construção do ser. Por isso, a educação deveria, em última instância, nos fazer viver melhor no mundo. É inerente que incorpore aspectos da ética, tanto na formação de conceitos como nos próprios embasamentos teóricos que subsidiam a prática. Pensando nisso, a educação compromete-se com a formação do “eu” em todos os sentidos, implicando especialmente na formação de um ser humano. Segundo Rossato (2015), o educador é aquele que descobre o humano no homem. E o que distingue o humano é sua capacidade de ser. Com esta compreensão, a educação torna-se um poderoso instrumento para a construção de uma sociedade ética. A ética é o resultado de uma boa educação. Irão constituir-se seres humanos éticos aqueles que, em sua caminhada, tiverem uma boa educação. Isto acontece porque a educação envolve, além da construção de conhecimentos, a construção e consolidação de valores essenciais à vida em sociedade.

Cortina (2003) sublinha que a ética permeia o processo educativo e que a crise na educação, na verdade, pode ser uma crise de valores na sociedade. Acreditamos ser por meio da educação que a crise poderá ser superada, no sentido de com-partilhar dos acontecimentos sociais e buscar alternativas de superação, seja através de uma política educativa, que parta de um princípio emancipatório, de enfrentamento destas questões de valores (ou da ausência de valores), seja de forma coletiva, por meio de ações concretas e de vontade política.

O grande desafio que se coloca é o da consciência, de trabalhar coletivamente, de almejar fios de esperança para encontrar (e não desencontrar) cada vez mais razões para se viver em sociedade (a casa comum de todos). Como afirma Rossato (2002), mais uma vez, o grande desafio se torna recriar o projeto humano. A tarefa da educação chega a ser do tamanho do próprio homem e da capacidade que este tem de ser humano.

O homem que, em sua individualidade, busca ser humano, certamente o fará na coletividade e, assim, um a um, formarão uma sociedade ética. Uma sociedade em que seja menos difícil amar, que seja possível conviver em harmonia e paz com o próximo, que todos valorizem a sua casa.

Enfrentamos fortes descontinuidades e rupturas e vivemos numa descartabilidade desenfreada; em um mundo em que é quase impossível encontrar respostas para as angústias. A modernidade traz mudanças constantes, dominadas pela economia e pela ciência. A pós-modernidade traz a “necessidade” (que na verdade não seria necessária), de desestruturação, de desconstrução. Cabe perguntar, a partir desta ideia, qual ética temos hoje? Que tipo de ética devemos recuperar? Bobbio (2004) reflete que estabeleceu-se um conflito de gerações e Bauman (1998) fala do mal-estar da pós-modernidade. A ética da nossa sociedade é uma ética transitória, consubstancial e que sofre descontinuidade. Diante desta realidade, apresentam-se três grandes desafios para a ética, o viver bem, o viver feliz e o preservar o mundo da vida.

A REFLEXÃO ÉTICA FILOSÓFICA PARA O MUNDO DA VIDA

É fundamental pensarmos como a ética se constitui enquanto reflexão filosófica, uma vez que a mesma tem uma relação estritamente humana, pois acompanha a historicidade e os fatos da relação do homem com o meio. A ética compreende o sujeito histórico sob o aspecto natural e social, incluindo todo e qualquer aspecto determinado pela condição de existência. O fato é que, todos nós temos direito à condição ontológica da esperança enquanto fundamento ético e racional da intervenção nos processos formativos. Por exemplo, no meio educativo é fundamental perguntar sobre qual o grau de legitimidade que torna a vida necessária em todas as instâncias. Para responder a essa questão é preciso considerar que vivemos um momento histórico de desconstrução, imanência e transcendência, presenciamos e testemunhamos apologias do fim da história e das ideologias, projetando uma reconciliação com o princípio realidade, reconhecendo assim, o capitalismo globalizado.

Nesta ótica, seria possível e viável o homem renunciar essa transcendência? O sonho coletivo é tarefa e escolha livre, podendo ser acolhido e produzido pela escola, onde a justiça social, superação de desigualdades atreladas à classe, sexo e raça podem ser, experimentalmente, superadas; no entanto, segundo McLaren, só será possível “[...] se as escolas ajudarem suas alunas e alunos a analisar o modo como suas subjetividades foram ideologicamente formadas, no interior das forças e das relações de exploração do capitalismo transnacional globalizado” (1999, p. 39). Por esta via de análise, Sennett afirma que é imperativo proclamar que “[...] um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo” (1999, p. 176). Por ora, é imprescindível a pergunta: Afinal, quem precisa do próximo, do outro, enquanto a indiferença irradiada pelo modelo capitalista torna-se natural por descartar pessoas? Aqui está posta a dimensão da luta e, com as palavras de Emir Sader, a explicação de que entre aqueles que querem viver da “[...] exploração, discriminando os homens pela cor de sua pele; por sua religião, pelo dinheiro que podem ter e a luta daqueles que tratam de que todos os homens sejam iguais, de que todas as oportunidades sejam as mesmas” (1999, p. 93). Seria esse o imperativo da mudança para alterar as condições de injustiça, desigualdades e exclusões? A tolerância, o respeito ao diferente, a necessária exposição de argumentos, a organização de síntese provisória, é tarefa de todos, mas principalmente dos que educam e conseguem indignar-se diante de um mundo que vive um momento de perplexidade. Esta visão de educação ética coaduna com a filosofia do dever de Kant, onde, segundo Hamel:

Para desenvolver o conceito de uma vontade digna de ser estimada em si mesma e sem qualquer intenção ulterior, [...] encaremos o conceito de dever que contém em si o de boa vontade, posto que sob certas restrições e obstáculos subjetivos, os quais, muito longe de ocultá-los e torná-lo incognoscível, antes fazem ressaltá-lo e aparecer com mais clareza. De acordo com o filósofo de Königsberg, a moral é uma doutrina para o homem ser digno da felicidade, sendo necessário que as ações humanas sejam praticadas por dever (ação moral por excelência), ficando de lado as ações que intitula de acordo com o dever (as quais possuem um cálculo prudencial: consequências) e contrárias ao dever (imorais). A fim de poder estabelecer uma maneira para se saber se as ações humanas são ações morais, Kant lança mão de uma universalização, pois o princípio que determina a vontade tem de ser universal, ou seja, o dever deve ser imposto por uma máxima universal. (2015, p. 4).

Ter boa vontade de educar alguém no aspecto ético, para Kant é ter o dever de educar para o bem da maioria. É mais do que simplesmente colocar um aluno em sala de aula e lhe dar acesso aos conteúdos. Isto é uma atitude que todas as escolas fazem, e nem sempre de forma ética, pois existe um número grande de escolas que não conseguem atingir o mínimo necessário dos padrões de

qualidades exigidas pelo Ministério da Educação. Se queremos uma educação ética, é dever do professor, dos pais, enfim, da comunidade escolar proporcionar todos os meios necessários para que a educação aconteça. Assim, educação e ética percorrerão os mesmos caminhos que levam esses alunos a serem cidadãos melhores para o mundo em que eles vivem e se relacionam.

Nesta mesma linha, Luckesi compreende que as relações entre a educação e a filosofia parecem ser naturais, na medida em que “[...] a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade” (1990, p. 31). Para o mundo da filosofia, cabe assumir a sua tarefa como ciência do fim último da razão humana, com o intuito de tematizar as possibilidades de uma práxis racional. Também, é por meio de um agir filosófico que problematizamos a realidade como ela é em nossas vidas e na sociedade. O filosofar na dimensão e no mundo ético, consiste na crítica permanente do *ethos*, isto é, na orientação de vida pautada na responsabilidade e na solidariedade do homem por si mesmo e pelo próximo. Estas palavras são compreendidas por Dias:

Tendo em vista que a razão prática é uma só e seu princípio derivado que rege a doutrina dos costumes é também um só, a saber: o imperativo categórico, considerando que todos os seres humanos são racionais, resta possível depreender um estatuto de universalidade a essa lei formal da razão. Cabe notar, porém, que esse estatuto de universalidade só pode ser atestado, caso se aceite a noção de racionalidade pura e prática descrita por Kant. Assim, assumido o embasamento das leis jurídicas pela moral, Kant destaca que não há por que afirmar que a teoria não possa ser realizada na prática. Para Kant, está claro que a política é a doutrina do exercício do dever e que não pode haver conflito entre a moral e a política ... Quanto mais a vontade dada a priori (princípio formal) estiver independente do objeto da livre vontade (finalidade), melhor e mais facilmente será atingida uma das finalidades da razão prática, que se constitui no benefício da paz perpétua entre os Estados. (2015, p. 3).

A educação e a filosofia são naturais quando o homem age por meio da razão prática para atingir o conhecimento, uma vez que o conhecimento agora se transformou em imperativo categórico, é universal. Ou como afirma Emanuel Kant, em seus pensamentos, a teoria pode e deve ser realizada na prática, os conhecimentos éticos devem influenciar os conteúdos ministrados em sala de aula. As determinações éticas não podem ficar somente em discussões intelectuais que permanecem longe da aplicação prática, na escrita de livros didáticos, etc... É preciso que o conhecimento ético seja aplicável, interfira no trabalho diário dos professores, coordenadores, diretores, e mais, que esses líderes, ou gestores, discutam sempre com seus colaboradores o que pode ser melhorado no trabalho em sala de aula junto a seus alunos. Porque, neste momento, por

meio das discussões, a ética se transforma em filosofia, e ela agora pode ter uma atitude política, uma visão prática do que os alunos estão aprendendo em sala de aula, ela consegue colaborar decididamente com as questões de certo e errado enfrentado pelos alunos nas escolas brasileiras.

A filosofia deve tematizar e assumir a possibilidade de uma práxis racional, a fim de tornar possível a lucidez de que a nossa vida é interpretada segundo Japiassu: “[...] por uma exigência de verdade que deve incitar-nos a ultrapassar os limites particulares do vivido. Filosofar é interrogar-se sobre os fins que perseguimos, sobre o valor dos acontecimentos que podem nos esclarecer e sobre as condições mesmas de nossa ação” (1997, p. 31). Segundo o olhar do autor citado, devemos ultrapassar as particularidades, questionar os fins, os valores e as possibilidades do nosso agir, diante de nós mesmos.

A filosofia é prática de conhecimento que aborda, discute e reflete os fundamentos da prática humana diária, em suas diversas dimensões: existencial, política, social, etc. Luckesi define a filosofia como “[...] um entendimento que tem por objetivo uma compreensão do mundo que auxilia o ser humano no norteamento de sua vida” (2000, p. 74). A compreensão filosófica que cada um de nós vier assumir deverá dar direção às nossas ações, sejam de que natureza forem, de forma coerente.

A filosofia é desafiada “[...] a revelar o sentido das ações humanas. A questionar todo pensamento, todo conhecimento, toda atitude e toda ação quanto a seu ‘em vista do quê?’ e a seu ‘por quê?’” (JAPIASSÚ, 1997, p. 15). Auxilia homens a pensarem no que fazem, em sua vida e na sociedade segundo referenciais éticos e políticos gerais e, ao mesmo tempo, leva-os ao exercício cotidiano da liberdade de espírito sempre renascente. É interrogar-se sobre os fins que perseguimos, sobre o valor do conhecimento e sobre as condições mesmas de nossa ação. Esta é uma educação que está de acordo com o olhar ético de Kant, afirmada por Oliveira na seguinte ótica:

Pensar por si mesmo significa procurar em si próprio (isto é, na sua própria razão) a suprema pedra de toque da verdade; e a máxima de pensar sempre por si mesmo é a Ilustração. Não lhe incumbem tantas coisas como imaginam os que situam a ilustração nos conhecimentos; pois ela é antes um princípio negativo no uso da sua faculdade de conhecer e, muitas vezes, quem é excessivamente rico de conhecimentos é muito menos esclarecido no uso dos mesmos. Servir-se da própria razão, quer apenas dizer que, em tudo o que se deve aceitar, se faz a si mesmo esta pergunta: será possível transformar em princípio universal do uso da razão aquele pelo qual se admite algo, ou também a regra que se segue do que se admite? Qualquer um pode realizar consigo mesmo semelhante exame e bem depressa verá, neste escrutínio, desaparecerem a superstição e o devaneio, mesmo se está muito longe de possuir os

conhecimentos para a ambos refutar com razões objetivas. Com efeito, serve-se apenas da máxima da auto-conservação da razão. (2015, p. 05).

Conhecer eticamente para Kant é poder transformar esse conhecimento em conteúdo capaz de ser aplicável universalmente, sem que outras pessoas possam ser prejudicadas por esse conhecimento. É pensar por si mesmo, estar sempre na buscar pela verdade, com fundamentos capazes de sustentar a sua opinião na produção do conhecimento. O único fundamento capaz de dar suporte a sua estrutura de pensar, seja esta estrutura contra ou a favor do status vigente, é se apoiar na razão. Para Kant, este seria um conhecimento universal, a razão não permite ter um conhecimento vazio, só para agradar a uns e outros, ou seja, qualquer um pode realizar consigo mesmo semelhante exame e bem depressa verá que nessa maneira de pensar pela razão desaparecem a superstição e o devaneio, mesmo se está muito longe de possuir os conhecimentos verdadeiros.

No entanto, a reflexão ética como atividade filosófica, dirige-se às normas e aos valores existentes na sociedade, e como atividade na educação, implica em poder construir conhecimentos, conceitos e paradigmas. Neste intento, educar cidadãos capazes de questionar e fundamentar valores radicalmente críticos e éticos é um desafio necessário, tanto que Freire complementa:

Na compreensão da História como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhã. A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar a sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão da ruptura. Seres éticos. (2006, p. 40).

É primordial fazermos uma reflexão sobre o ato de educar, considerando sempre as divergências em torno do atual debate que cerca o tema da ética. Neste âmbito, a razão da importância da modernidade nas atuais discussões acerca da relação com a ética e a filosofia, é premente. Na análise de Giacóia a Responsabilidade é “[...] uma das mais importantes contribuições que a filosofia contemporânea oferece para a reflexão dos problemas éticos emergentes” (2001, p. 194). Somente com princípios éticos e responsáveis poderemos fundamentar um discurso potencialmente pedagógico, a fim de justificar a importância da educação com abrangência em todos os níveis de formação humana, contemplando a vida como parte essencial e fundamental para a esfera planetária. Ao contrário, voltaremos ao reducionismo, ou criaremos um novo antropocentrismo. Todavia, é fundamental o diálogo, a construção e a desconstrução de novos e velhos preceitos éticos, a fim de ressaltar a necessidade de uma coletividade que possa refletir e agir

perante a vida. Isso indica a possibilidade de implementar propostas educativas contemporâneas e inovadoras quando desenvolvidas de maneira que compreenda as exigências do agir coletivo e da práxis humana.

O educador Pedro Georgen argumenta que as novas gerações devem estar “[...] familiarizadas com as tradições ético-morais para, num processo racional, discursivo internalizarem aqueles princípios que resultarem desse processo como convenientes para a comunidade” (2001, p. 80). O educador desempenha um papel fundamental tanto na prática como na teoria, pois é através de seus conhecimentos e ensinamentos que poderemos propagar e vivenciar valores acerca da cidadania, responsabilidade e princípios éticos morais.

Nesse sentido, o educador pode ser um facilitador nas relações educativas, quando convencido de que ensinar não é “transmitir” informações, e sim, um processo em que educando reconheça a capacidade para desenvolver o gosto pelo aprender, pela sabedoria, pela ética, pelo respeito, pela solidariedade e, principalmente, na constituição de uma sociedade menos injusta, mais solidária e ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como humanos nos educamos, procuramos nos completar e, ao mesmo tempo, mantemos uma relação de diálogo com o mundo e com o outro, procurando saber mais a seu respeito e de como se dá a dinâmica existencial nossa e dos demais seres. Desenvolvemos várias funções biológicas animais, fazemos cultura, perguntamos pelo amanhã, pelo outro, pelo sentido de nossos atos. Porque buscamos preservar e conservar aqueles princípios fundamentais que dizem respeito à manutenção da vida humana nos humanizamos cada vez mais. Respeito este próprio dos seres que sentem e desejam a preservação do outro, seu semelhante, que partilha um espaço vital, no qual a sobrevivência de um está imbricada na do outro. “Cortar a capacidade de relação, impedir a responsabilidade pessoal e coletiva, obstruir a capacidade de sentir o outro e de deixar-se envolver por sua vida e causa implica desconsiderar a dignidade humana, fonte de todos os valores” (BOFF, 2000, p. 79).

Nós, enquanto educadores, temos que educar partindo da radicalidade e da rigorosidade das problemáticas vigentes, para poder então contribuir com reflexões e ponderações sobre como educar em tempos de crise, em tempos de civilização tecnológica. Talvez esse seja um dos motivos que faça com que acreditemos e apostemos na filosofia e, fundamentalmente, na ética. Pois a

mesma, além de articular saberes e conhecimentos, aponta caminhos viáveis diante das incertezas do mundo capitalista moderno. Por exemplo, a Técnica Moderna foi ganhando autonomia e poder diante da inconsistência das éticas tradicionais, despertando sentimentos contraditórios na humanidade. De um lado, apresentando enormes benefícios à humanidade, e de outro, enormes prejuízos e impactos. Neste sentido, como a filosofia poderia contribuir para o debate em torno destas questões? Com o ensino, o diálogo, a análise e a reflexão. A filosofia pode e deve estar presente no ensino e a ética pode e deve estar presente na vida das pessoas, pois ambas analisam os problemas que são apresentados e vivenciados nas relações existentes entre a civilização. Neste sentido, argumenta Cartolano, a atividade filosófica deve estar interligada com a prática social, “[...] ser instrumento teórico de seu conhecimento e de sua transformação e não apenas contemplação do real, o que implicaria, conseqüentemente, uma crença na imutabilidade do mundo e dos homens” (1985, p. 84).

As aproximações e reflexões sobre a ética para a educação em termos filosóficos, não podem ter abordagens flexíveis, todos os educadores e todos os educandos, desde o Ensino Básico até o Ensino Superior, devem saber aonde termina o senso comum e começa a ética. A ética é um dever que tem limites claros, e que ultrapassados já não estamos no mundo ético e sim no mundo do senso comum que tem que ser combatido pelos educadores, para que os educandos não façam o que a sua vontade, que é quase um instinto animal, deseja. Mas, realize atos que a lei universal determina como uma obrigação, este é o imperativo categórico da razão prática, que não pode ser esquecido por toda atividade educacional brasileira, para que tenhamos uma educação fundamentada na ética.

Desta crença no outro, que é uma crença na possibilidade do humano, nasce uma ética da alteridade. Sem ética nada mais tem valor, pois encharcamos-nos nos interesses egoístas e individualistas contrários aos interesses dos outros e da comunidade, num conviver-com. Fazer o bem e evitar o mal não é somente um imperativo ético, condição da existência coletiva, como também é um chamado à libertação do homem, à instalação de sua dignidade. Para Boff (2000), a sociedade como um todo somente é sã se predominarem as relações de inclusão, relações de solidariedade entre todos, relações de reciprocidade e de complementaridade. Assim, cada ser humano se torna responsável pelo mundo, porque na relação para com ele e com as pessoas ajuda a criá-lo e recriá-lo permanentemente.

Ética é acima de tudo relação, pois só vamos ter a percepção, a clareza de nossos atos nas relações que estabelecemos ou que outros estabelecem conosco. Saber se o ato é bom ou mau

somente é possível a partir da pergunta do por que, com que finalidade, com que intenção, isto é, qual o sentido e o desejo, ou o que pretendemos atingir quando de nossa ação. Os homens e as mulheres são seres capazes de agir eticamente, como também de transgredir a ética. “Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude. Não podemos aceitá-la” (FREIRE, 1996, p. 19).

Como não podemos obrigar os homens ou dirigir sua vontade, é preciso criar consciência ética nos mesmos, e a educação é um espaço privilegiado para isso. Como sabemos que os homens e as mulheres podem escolher, devemos trabalhar no sentido de uma educação das escolhas, da vontade dos homens e das mulheres; da construção de relações pautadas por princípios de respeito ao outro, de convivialidade, de justiça, de ética. E a prática educativa deve caminhar no sentido da justiça e da equidade para que possa cumprir um de seus grandes objetivos que é de continuar a tarefa da criação e aprimoramento do mundo pelas mãos dos homens e mulheres que perguntam, produzem conhecimento e fazem ciência.

Por fim, pensar filosoficamente, com critérios, análise e rigor ético, é um caminho viável para as práticas educativas, pois à medida que o ser humano for capaz de compreender e analisar suas práticas, seu modo de ver e vivenciar o mundo, terá condições de tornar-se um sujeito crítico, reflexivo e ético. É neste processo que a ética, compreende o sujeito histórico sob o aspecto natural e social, e nestes incluem-se o comportamento e todos os aspectos determinados pelas condições da existência, importantes para justificar a necessidade de um pensamento ancorado no mundo da vida.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BEAUVOIR, S. de. **O existencialismo e a sabedoria das nações**. Lisboa: Estampa, 1967.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris**. Brasília: Letra viva, 2000.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.
- CARTOLANO, M. T. P. **Filosofia no ensino de 2º grau**. SP: Cortez, 1985.
- CORTINA, Adela. **O fazer ético: guia para a educação moral**. São Paulo: Moderna, 2003.
- DIAS, Maria Cristina Longo Cardoso. O Direito e a Ética em Bentham e Kant: uma comparação. **Trans/Form/Ação** [online]. 2015, vol.38, n.1 p.147-166. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732015000100147&lng=pt&nrm=iso>. Epub Abr-2015. ISSN 1980-539X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732015000100009>.
- FREIRE, P. **À sombra desta Mangueira**. 8. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

HAMEL, Marcio Renan. Da ética kantiana à ética habermasiana: implicações sociojurídicas da reconfiguração discursiva do imperativo categórico. **Rev. Katalysis** [online]. 2011, vol.14, n.2 [cited 2015-07-20], pp. 164-171. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802011000200003&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1414-4980. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802011000200003>.

JAPIASSU, H. **Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje**. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

LUCKESI, C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Introdução à filosofia**: aprendendo a pensar. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Mário Nogueira de. A educação na ética kantiana. **Educ. Pesqui.** [online]. 2004, vol.30, n.3 [cited 2015-07-20], pp. 447-460. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300005&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1678-4634. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022004000300005>.

MARTINI, C.M. **Viagem pelo vocabulário da ética**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 10.

MARZÁ, D, G. **Teoría de la Democracia**. Valência: NAU llibres, 1993.

MCLAREN, P. **Utopias provisórias**: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial. Trad. Helena Beatriz Mascarenhas de Souza. Petrópolis: Vozes, 1999.

ROSSATO, Ricardo. **Século XXI**: saberes em construção. Passo Fundo: UPF, 2002.

RIOS, T, A. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SADER, E. **Sem perder a ternura**: pequeno livro de pensamentos de Che Guevara. RJ: Record, 1999.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

RESUMO

O presente artigo visa investigar através de uma pesquisa bibliográfica a importância do filosofar na dimensão ética, uma vez que, a realidade nos impõe uma reorientação radical sobre o nosso modo de viver, e sobre as formas de pensar e ver o mundo. Neste intuito, observamos que a educação não se manifesta dentro de uma sociedade como um fim em si mesmo, na medida em que ela é um instrumento de transformação social, cercada de valores decorrente de práticas educacionais, porém, não são essas práticas que estabelecem seus fins, e sim, a reflexão acerca do próprio ato de pensar sobre as práticas. É pensando neste sentido, que analisamos a importância de uma educação voltada para a realidade, com uma ética que pressupõe a existência do agir e do *outro*.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Ética. Mundo

ABSTRACT

This paper aims to investigate the importance of philosophy in the ethical dimension, by means of a bibliographical research, since the reality imposes a radical reorientation of our way of life, and the ways of thinking and seeing the world. For this purpose, it is observed that education does not manifest itself within a society with an end in itself, in that it is a social processing tool, surrounded by values arising from educational practices. However, it is not these practices that establish their purposes, but the reflection on the own act of thinking about the practices. Thinking in this sense that it is analyzed the importance of an education faced for the reality, with an ethic which presupposes the existence of the action and the other.

Keywords: Philosophy. Education. Ethics. World

*Submetido em jul. 2015
Aprovado em jan. 2016*